



PROGRAMA DE DISCIPLINA
DOUTORADO

| |
|---|
| Linha de pesquisa: Literatura, Intermidialidade e Tradução |
| Disciplina: Literatura e Outras Artes |
| Título do Curso: O viajante e a floresta tropical: a arte de narrar o desconhecido e a alteridade nas representações da Amazônia brasileira (séculos XIX-XXI) |
| Docente Responsável: Prof. Dr. Pascoal Farinaccio |
| Dia/Horário: terças-feiras das 14h às 18h |

EMENTA

Este curso propõe uma reflexão sobre a viagem enquanto experiência do olhar e do estranhamento que resulta na necessidade de descrever o *nunca visto*. Nessa perspectiva, pode-se compreender a viagem como experiência sustentada por um verdadeiro “princípio de transformação” (na expressão de Paolo Scarpi) que acomete o sujeito e desestrutura sua identidade, fazendo-a confrontar-se com as diferenças paisagísticas, de fauna e de flora, e diferenças humanas, abrindo portanto o acesso do viajante ao estranho e ao novo. O estranhamento das viagens não é pertinente ao “outro”, mas ao próprio viajante, como assinala o filósofo Sérgio Cardoso: é em nossa indeterminação identitária constitutiva que já se delinea o “estrangeiro”, que só pode ser apreendido mediante um “distanciamento de nós para nós mesmos”: “Não podemos apanhá-lo fora, só o tocamos dentro (de nós mesmos), *pagando o preço da nossa própria transformação*” (CARDOSO, 1988, p. 360, grifo meu). Considerada essa concepção radical de viagem caberia frisar que há muito poucos é dado realizar a experiência essencial que lhe subjaz: *olhar bem* e, nesse processo de leitura do mundo, *transformar aquilo que se é* no transcurso do tempo. Para refletir sobre esse assunto o curso propõe a análise de viagens realizadas à Amazônia brasileira entre o início do século XIX (quando se deram diversas expedições científicas estrangeiras no Brasil) até os dias atuais. A escolha pela floresta amazônica se deve precisamente ao fascínio que sempre exerceu: o chamamento da aventura – a qual não se aparta do perigo da morte – sobre exploradores diversos, empenhados em compreendê-la, explicá-la cientificamente, mas tantas vezes com recurso à fantasia e imaginação. O *corpus* principal a ser abordado é constituído por quatro narrativas de viagens à Amazônia: a do artista-viajante Hercule Florence, que participou da chamada Expedição Langsdorff (que entre 1824 e 1829 viajou por Minas Gerais e São Paulo e depois, seguindo sempre por vias fluviais e passando pelo Mato Grosso, chegou até o Amazonas pelo rio Tapajós); a viagem do escritor Euclides da Cunha (que esteve na região em 1925), Mário de Andrade (em viagem realizada em 1927 e que teria grande influência na concepção de *Macunaíma*), e, finalmente, a incursão realizada pelo documentarista João Moreira Salles entre os anos de 2019-2020. Essas narrativas de viagem serão contextualizadas em seu tempo próprio e serão contrastadas comparativamente para se verificar as mudanças de visão da floresta, em sintonia com os discursos coevos com os quais dialogam, de viajantes anteriores e diversos estudiosos da Amazônia, o que também pode permitir compreender as motivações éticas e políticas implicadas nessas representações: de um olhar com motivação colonial próprio às expedições científicas do século XIX ao desejo de integração econômica e cultural à vida nacional à busca de uma compreensão mais empática das singularidades irredutíveis da região. A atenção se volta aqui, principalmente, mas não exclusivamente, para as representações do mundo natural: a paisagem, a fauna, a flora (e a Amazônia é reconhecida precisamente pela sua biodiversidade extraordinária) – também nesse caso empreenderemos um esforço para melhor esclarecer as mudanças relativas às concepções vigentes acerca da vida das plantas e dos animais. Focado nas narrativas referidas, o curso também não deixará de abordar referências de representações no universo da ficção e artes plásticas que possam enriquecer a compreensão da literatura de viagem: romances, contos, filmes e pintura que se debruçaram sobre o tema da viagem ao desconhecido ou tematizaram a selva tropical em imagens impactantes – as dificuldades de representação de algo tão grandioso, misterioso, fascinante e tantas vezes amedrontador podem ser rastreadas por toda parte e, como já notado, as próprias narrativas de viagem não são de forma alguma impermeáveis às solicitações da ficção literária e também dos mitos.

PROGRAMA

Conforme as indicações bibliográficas, o curso pressupõe um estudo de teorias da viagem com o objetivo de compreendê-la em sua radicalidade enquanto experiência de confrontamento espacial e temporal com o desconhecido e a alteridade (essa pode ser humana, mas também paisagística, vegetal e animal) e suas implicações na configuração de sentido da identidade do viajante. A escolha por viagens à floresta amazônica pode auxiliar a esclarecer esse “princípio de transformação”, o qual, em algumas ocasiões, implicou riscos à própria integridade física. A Expedição Langsdorff do início do século XIX, de que nos dá um testemunho importante Hercule Florence, é exemplar. Conforme Barbara Freitag-Rouanet, tratava-se de “uma das expedições mais bem equipadas e financiadas [pelo governo russo] do século XIX e que parecia ter sido amaldiçoada pelos deuses, pelos homens e talvez pela própria natureza” (FREITAG-ROUANET, 2013, p. 103). Com efeito, boa parte das pessoas que participou da expedição ficou doente, em particular seu líder, o barão de origem alemã Georg Heinrich von Langsdorff, que foi acometido por um tipo especialmente virulento de malária e perdeu a memória, jamais tendo conseguido organizar e descrever o material científico obtido na expedição (sobraram apenas notas de seus diários); o pintor Aimé-Adrien Taunay morreu afogado em um rio no Mato Grosso; ocorreram ataques de onças, os mosquitos tornaram-se um inimigo mortal e aflitivo e mais de um terço de contratados para a expedição veio a falecer. Partindo dessa empreitada científica, da qual participaram naturalistas, cartógrafos, botânicos e pintores como Florence, Taunay e Moritz Rugendas (por pouco tempo), além de um grupo de contratados para os serviços de carregamentos, condução de barcos, caça etc (trabalho braçal sem o qual a expedição seria impossível), abordam-se na sequência os relatos dos escritores Euclides da Cunha e Mário de Andrade e, por fim, a narrativa da viagem recente do cineasta João Moreira Salles. Três narrativas muito diferentes sobre a Amazônia brasileira e que se prestam à análise da compreensão das particularidades e singularidades da região conforme as perspectivas e interesses específicos desses narradores. Além das narrativas de viagem, o curso se debruçará sobre romances e contos, filmes, fotografia e pintura que trataram seja da questão da viagem, seja mais especificamente da floresta amazônica. As imagens literárias criadas por escritores brasileiros do século XIX à contemporaneidade são de grande importância para se pensar o imaginário concernente à selva; obras clássicas como *Robinson Crusóé* (romance que, segundo declaração do próprio Hercule Florence, o influenciou a tornar-se um viajante, um explorador de novos mundos) e *Coração das trevas* são um material inestimável para se refletir sobre as relações com o mundo natural e a visada de teor colonial sobre povos e territórios distantes da Europa e suas concepções de “civilização”. Dois filmes, *Fitzcarraldo*, do diretor alemão Werner Herzog, e *Iracema – uma transa amazônica*, de Bodanzky e Orlando Senna, são apropriados para uma reflexão sobre a ideia de *ocupação* da Amazônia, seja pelo “civilizador” europeu, seja pela mão forte e disciplinadora do regime ditatorial brasileiro. As diversas imagens fotográficas da Amazônia podem tanto realçar a beleza e exuberância singulares da floresta, como na obra de Marcel Gautherot, ou reforçarem estereótipos de barbárie e atraso ou de cultura e progresso, conforme analisadas por Mauricio Zouein. Maior pintor-viajante que o Brasil conheceu no século XIX, Rugendas legou-nos uma obra pictórica monumental em que se nota empenho documental e fantasia nas representações da floresta tropical e dos povos que nela habitam. Transitando pelas narrativas de viagem e pelas ficções de viagem, e mediante uma atenção centrada nas representações do mundo natural, o curso pretende explorar a arte de viajar como modo privilegiado de ver, conhecer e interpretar o mundo.

Bibliografia

Teórica (crítica literária, história e teoria da viagem, estudos sobre o mundo natural)

BELLUZZO, Ana Maria (organização). Dossiê Brasil dos Viajantes. In: *Revista USP*. Nº.30. São Paulo, USP, junho-julho-agosto 1996.

BRIZUELA, Natalia. O som da natureza, ou escrevendo com luz nos trópicos: Hercule Florence. In: *Fotografia e Império: paisagens para um Brasil moderno*. São Paulo, Companhia das Letras, IMS, 2012.

BRUCE, Albert e KOPENAWA, Davi. *O espírito da floresta*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo, Companhia das Letras, 2023.

CABRAL, Diogo de Carvalho. O “mato”: mestiçagem e construção da alteridade florestal. In: *Na presença da floresta: mata atlântica e história colonial*. Rio de Janeiro, Garamond, 2014.

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: *O olhar*. Organização de Adauto Novaes. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

CARTUM, Leda e NESTROVSKI, Sofia. *As vinte mil léguas de Charles Darwin: o caminho até A origem das espécies*. São Paulo, Fósforo; Edições Sesc São Paulo, 2022.

COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Tradução de Fernando Scheibe. Desterro (Florianópolis), Cultura e Barbárie, 2018.

FETZ, Marcelo. *Entre razão e fruição: a viagem como descoberta científica*. Curitiba, Appris, 2018.

FILHO, João Moreira. *Grandes expedições à Amazônia brasileira (1500-1930)*. São Paulo, Metalivros, 2009.

FREITAG-ROUANET, Barbara. *Viajando com Langsdorff*. Brasília, Edições do Senado Federal, 2013.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica*. Tradução de Bernardo Joffily. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

HARDMAN, Francisco. *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo, Editora UNESP, 2009.

HERZOG, Werner. *Conquista do inútil*. Tradução de Renata Dias Mundt. São Paulo, Martins Fontes, 2013.

KEITH, Thomas. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

KURY, Lorelai (organização). *Representações da fauna no Brasil séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro, Andrea Jakobsson Estúdio, 2014.

PEREIRA, Sonia Maria Couto. *Etnografia e iconografia nos registros de Hercules Florence durante a expedição Langsdorff (1826-1829)*. Dourados, MS, Editora UGGD, 2016.

PRATT, Mary Louise. *Ojos imperiales: literatura de viajes y transculturación*. Traducción de Ofelia Castillo. México, Fondo de Cultura Económica, 2010.

ROCHA, Carlos Frederico Duarte da. *Naturalistas viajantes no Brasil (1783-1888)*. Rio de Janeiro, Andrea Jakobsson Estúdio, 2022.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. *Ciência do homem e sentimento da natureza: viajantes alemães no Brasil do século XIX*. Curitiba, Editora UFPR, 2013.

SCARPI, Paolo. *La fuga e il ritorno: storia e mitologia del viaggio*. Venezia, Marsilio Editori, 1992.

VESSONI, Eduardo. *Os crepúsculos não cabem no mundo: as viagens de Mário de Andrade*. São Paulo, Patuá, 2023.

WULF, Andrea. *A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt*. Tradução de Renato Marques. São Paulo, Planeta, 2016.

Narrativas de viagem

ANDRADE, Mário de. O turista aprendiz: viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia por Marajó até dizer chega – 1927. In: *O turista aprendiz*. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1983.

CUNHA, Euclides da. À margem da História. In: *Obra completa*. V. 1. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1995.

FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução do Visconde de Taunay. Brasília. Edições do Senado Federal, 2007.

SALLES, João Moreira. *Arrabalde: Em busca da Amazônia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

Filmes

Iracema - uma transa amazônica. Direção: Jorge Bodanzky e Orlando Senna. 1974 (lançado oficialmente em 1981).

Fitzcarraldo. Direção: Werner Herzog. 1982.

Fotografia

GAUTHEROT, Marcel. *Norte*. Organização e apresentação de Milton Hatoum e Samuel Titan Jr. São Paulo, Instituto Moreira Salles, 2009.

ZOUEIN, Maurício. *A ideia de civilização nas imagens da Amazônia (1865-1908)*. Rio de Janeiro, Telha, 2022.

Ficção (romances e contos)

CARVALHO, Bernardo. *Os substitutos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2023.

CONRAD, Joseph. *Coração das trevas*. Tradução de José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro, Antofágica, 2019.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Tradução, apresentação e notas de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro, Zahar, 2021 (Coleção Clássicos Zahar).

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paul, Companhia das Letras, 1989.

LE GUIN, Ursula K. *Floresta é o nome do mundo*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo, Editora Morro Branco, 2020.

RANGEL, Alberto. *Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas*. Manaus, Editora Valer, 2008.

SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. Organização de Sylvia Perlingueiro Paixão. São Paulo, Martins Fontes, 2021.

VERÍSSIMO, José. *Cenas da vida amazônica*. Organização de Antonio Dimas. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

VERUNSCHK, Micheliny. *O som do rugido da onça*. São Paulo, Companhia das Letras, 2021.

Artes plásticas (pintura)

DIENER, Pablo e COSTA, Mária de Fátima (organização). *Rugendas e o Brasil: obra completa*. Rio de Janeiro, Capivara, 2023.